

“EU PROFESSOR(A)”: REFLEXÕES SENSÍVEIS E IMAGÉTICAS SOBRE O TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

HIDELBRANDO LINO DE ALBUQUERQUE

Professor, Escola de Referência em Ensino Médio Ana Faustina, Surubim/PE,
e-mail: hidelbrandolino@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Quando Gilbert Durand (1911-2012) esteve na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, PE, em 1990, em vista do 'VII Ciclo de Estudos sobre o Imaginário' ressaltou que "uma 'grande cultura' é aquela que sabe articular os seus pluralismos, aquela que sabe que, ao lado, em torno das suas instituições, das suas pedagogias e das suas hierarquias funcionais, dar lugar à efervescência das suas margens" (DURAND, 1996, p. 183). Assim, inspiramo-nos no 'pluralismo' durandiano como forma de abordar a dimensão simbólica do(a) professor(a) em tempos de pandemia com vistas para pensar o trabalho docente por vezes marginalizado pelo poder que se pretende dominante.

Tal dimensão simbólica é partilhada por meio do relato de experiência que ora apresentamos, com o desejo de esperançar em tempos de pademina, de modo a refletir sobre o trabalho docente, sensivelmente, e sobre a reconfiguração de espaços de aprendizagem tanto na escola quanto em casa. Esta, percebida na dimensão simbólica, cogita que "o passado, o presente e o futuro dão a casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente" (BACHELARD, 1996, p. 26). Em tempos de Covid-19, tal concepção foi potencializada, sobretudo a partir de mudanças culturais abruptas no que tange a casa, transformada em meio à rotina escolar para se adequar ao ensino remoto, às atividades da prática docente e do próprio lar.

De modo complementar à percepção sensível de Bachelard sobre a casa, o acolhimento, Paulo Freire (1996) sugere pensar, igualmente, sobre o lugar docente, de modo que não podemos "correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente, cansados, cair no indiferentismo fatalisticamente cínico que leva ao cruzamento de braços" (FREIRE, 1996, p. 74). Nesse sentido, o pensamento sensível, na perspectiva dos estudos do imaginário de Gilbert Durand (1989), ao reunirem cultura e educação em tempos de pandemia e a dimensão simbólica da casa, converge com o pensamento freireano por estar relacionado com a representação social sobre o papel da(o) docente. Assim, compreendemos por reconhecer a dimensão da docência por meio dos estudos do imaginário Durand no que tange à necessidade de pensar a importância do reequilíbrio do(a) professor(a) na convergência dos planos biológico, psicossocial e antropológico torna-se um quadro preponderante.

Tal reequilíbrio forma-se constituído “em todos os setores e em todos os ambientes da atividade humana, finalmente a generalização tanto estática como dinâmica da virtude de imaginação” (DURAND, 1964, p. 74). Constitui, pois, o imaginário docente em meio às experiências do vivido, em todas as suas dimensões, e que suscitam a reflexão sobre o “eu professor(a)” em tempos de pandemia. Dessa forma, partilhamos que o objetivo deste relato de experiência é refletir sobre o trabalho docente em diferentes espaços e tempos da pandemia do Covid-19.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O lócus da experiência foi a Escola de Referência em Ensino Médio Ana Faustina, instituição estadual de ensino público, na cidade de Surubim – PE. A conversa aconteceu com cinco (05) professoras(es) efetivas(os), em momentos alternados, contemplando questões relacionadas ao objetivo proposto neste relato. Optamos por coletivizar a fala das(os) professoras(es). O período das conversas ocorreu durante o mês de agosto de 2021. A escola encontra-se em atividade presencial e remota com as(os) estudantes em vista da pandemia do Covid-19.

A experiência desenvolvida seguiu os seguintes contornos: movidos pelo sentimento de pertencimento à docência e dos desafios apresentados em tempos de pandemia do Covid-19, direcionamos a atividade para uma escola de rede pública estadual na qual o primeiro autor deste relato leciona, na cidade de Surubim – PE. A intenção foi ouvir professores(as) do quadro efetivo da escola, em vista do tempo de serviço vinculado à instituição de ensino ser maior cronologicamente, em detrimento das(os) professoras(es) contratados(as). Tal intenção foi importante como estratégia para dimensionar a reflexão comparativa sobre o fazer desses(as) profissionais antes e durante a pandemia do Covid-19, assim, com vistas para as reflexões sensíveis sobre o trabalho docente.

Por se tratar de um relato que prioriza a experiência e busca a escuta de modo espontâneo e conectada aos percursos vividos pelos(as) professoras(es), acolhemos a “conversa” como método e procedimento pensado para o estudo. Tal escolha dá-se sem perder de vista o caráter metodológico e diante da necessidade de, dessa forma, “pensar com elas, escutá-las, pensar a partir delas, com toda imprevisibilidade, incomensurabilidade, inventividade e contingência que a pesquisa pode revelar” (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 169). São conversas que possibilitaram o sentir como caminho, na e com a investigação, de modo horizontal,

a partir da experiência do vivido, compartilhada durante os momentos de interação. Trata-se, pois, de uma experiência dialógica que, ao nos distanciar de modelos metodológicos cristalizados da pesquisa científica, cogita a ruptura necessária com metodologias tradicionalmente instituídas.

3. RESULTADOS

No que tange à dimensão simbólica da escola como espaço de aprendizagem, percebemos que ela ampliou-se, convergindo em casa, escola, redes sociais e de modo complementar o horário também de trabalho também foi alterado. Tal mudança confirma-se no momento de escuta de uma professora, ao afirmar que *“Ah meu amigo, a escola agora é na minha casa, na minha vida inteira. Onde eu vou, não tem dia, nem tem hora, os estudantes vão atrás de mim pelo celular”* (sic), referindo-se ao aparelho celular e, em especial, ao *Whatsapp*. Tal situação chama a atenção para a reflexão sobre o cuidado de si em meio à pandemia.

Acerca do trabalho e formação docente em tempos de pandemia, mesmo em momentos distintos, o pedido de apoio ao Estado é recorrente nas falas das(os) professoras(es) durante as partilhas: *“Minha escola me apoia, mas o trabalho não está fácil!”* (sic). O relato apresentado pela professora remete ao que Michel Maffesoli explica sobre a lógica da identificação, no que tange à identidade incerta, uma vez que é “essa ambiguidade que pode fazer tomar por um retorno ao individualismo o que era apenas uma expressão de um narcisismo coletivo” (MAFFESOLI, 1996, p. 302). Aspecto que também se compreende na fala seguinte narrativa da professora *“a gente não está recebendo formação pra lidar com essa situação!”* (sic).

A declaração *“nós estamos morrendo e não estão nem aí pra gente!”* (sic) remete à angústia da morte, angústia existencial que se expressa através de imagens relativas ao tempo, onde a pandemia surge como um fio que liga tal situação e representa “a imagem direta das ‘ligações’ temporais, da condição humana ligada à consciência do tempo e à maldição da morte” (DURAND, 1989, p. 77).

O processo de diálogo e escuta desenvolvido nesta atividade reforça, simbolicamente, o entendimento necessário de encontro ao racionalismo imposto pela ciência, uma vez que, mesmo com os protocolos sugeridos como medida de prevenção ao Covid-19, as(os) professoras(es) percebem que a ciência não é garantia total da vida protegida do vírus.

A experiência de escuta sinaliza para a contribuição deste momento para o diálogo e a reflexão sobre o imaginário docente em tempos do Covid-19. Com a ação proposta, consideramos que, em meio à pandemia do Covid-19, o fazer docente esteve imerso a grandes desafios, seja em relação à prática pedagógica ou sobre os espaços-tempos. A casa e a escola foram ressignificadas para se adequar às modalidades de ensino presencial e remoto. Tais mudanças provocaram mudanças que afetaram o trabalho docente nas dimensões cultural e profissional.

Na esteira das partilhas apresentadas, o relato dimensiona aspectos sensíveis do “eu docente” em meio às atividades de ensino que nos levam a perceber o pluralismo e as subjetividades que forjam o trajeto antropológico, ou seja, “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1989, p. 29). E possível, igualmente, reconhecer tal processo de modo convergente: Eu professor(a) em aula presencial. Eu professor(a) em formato remoto. Eu professor(a) pelo *Whatsapp*. Eu professor(a) *Google Meet*. Eu professor(a) enlutada(o). Eu professor(a) pandemia. Eu professor(a) cultural. Eu professor(a) esperança.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Helder Godinho. Lisboa: Presença, 1989.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Tradução Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução Bertha Halpen Gurovitz. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. SAMPAIO, Carmen Sanches. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.